

Juarez Távora-Pb, 23 de junho de 2023

Queridas feministas

Quero dividir com vocês um pouco da minha história, de tudo que tenho vivenciado nesta pequena cidade onde hoje vivo, uma cidade com cerca de 8 mil habitantes chamada de Juarez Távora, no estado da Paraíba. Vim parar aqui depois que fui aprovada em um concurso público em primeiro lugar para o cargo de assistente social, no ano de 2020, e fiz o caminho inverso que muitos fazem, eu sai de uma capital, João Pessoa-PB região litorânea, para morar em uma pequena cidade, pouco desenvolvida, mas com muito a me ensinar em relação às batalhas diárias que nós mulheres enfrentamos no cotidiano.

Neste lugar vivencio de perto o quanto é difícil ser mulher na nossa sociedade, algo que não se percebe muito quando se mora numa cidade maior, com mais oportunidades e menos aproximação do cenário político. Aqui constantemente preciso me impor e mostrar que o meu cargo foi conquistado com meus estudos e que não foi indicação de nenhum político e por isso tenho autonomia diante da minha atuação e também como cidadã. Algo inaceitável para alguns, afinal sou uma mulher e mulher não é bem vinda no âmbito da autonomia, pois fomos criadas para obedecer e sermos submissas, e por causa dessa minha desobediência sofro assédio moral constantemente e fico isolada de quase tudo que diz respeito ao meu fazer profissional.

Logo que aqui cheguei me aproximei da AMUF-JT (Associação de Mulheres Feministas de Juarez Távora) e hoje sou Vice presidente desta entidade, e foi inserida neste espaço que pude vivenciar experiências muito dolorosas de ser mulher na nossa sociedade. Aqui vejo de perto quantas mulheres precisam fazer papel de pai e mãe e criar o seus filhos com muita dificuldade e quase sem nenhum apoio familiar ou institucional. Vejo a dor da mulher abandonada pelo marido para viver com uma mulher mais jovem, a dor da mulher que sofre violência doméstica, e vejo também a luta para se manter de pé diante de uma sociedade tão machista, excludente e também etarista, isto porque constantemente lido no ambiente laboral com situações tais como: quem quer mulher velha? Ninguém resiste a uma novinha! Cotidianamente ouço frases deste tipo, que me tocam profundamente, por ser mulher e ver a objetificação feminina, é como se nós fossemos um pedaço de carne no açougue, exposto para os homens escolherem.

Mas, de todos os fatos já vivenciados neste lugar, o mais chocante são os casos de violência envolvendo feminicídio, dentre eles o caso de Lidiane, uma linda jovem de apenas 24 anos de idade, morta a facadas dentro de um transporte alternativo pelo ex marido, por não aceitar a separação, na presença de vários homens no local e todos assistiram tranquilamente a cena de feminicídio e em seguida deixaram o assassino fugir como se nada tivesse feito. Aquele dia, era 09 de março de 2021, um dia após o dia da Mulher e exatamente no dia 09, no dia do meu aniversário. Não tenho dúvidas que foi um dos piores dias para mim, parei, refleti muito sobre tudo que nós mulheres precisamos passar em busca de igualdade social e respeito, e inevitavelmente até me questionei, por que ela não deixou ele antes que a matasse? É natural pensarmos isso logo de cara, mas eles tinham um filho juntos e uma história vivida, e além de tudo quem já passou por um relacionamento abusivo sabe o quanto é difícil deixar, o processo é lento e requer muita vigilância, afinal muitas vezes há uma dependência afetiva, financeira etc.

Deixando de lado essa tragédia, voltemos para o assunto da AMUF-JT, quando nos reunimos a cada quinze dias, numa pequena feira de artesanato organizada por todas nós, para vender alguns produtos artesanais que produzimos, é um momento muito esperado, pois é o local onde podemos ser nós mesmas, sem opressão ou julgamento, pois todas conhecemos nossas dores e a dor da outra, local de escuta e partilha de dores e angústias, e por fim o local livre totalmente da violência, violência que muitas vivenciam de todas as formas em seus lares. Mas, no momento da feira a gente fala da nossa autonomia e de como somos importantes inseridas na nossa sociedade, pois aqui tratamos disso, de autonomia e fortalecimento da autoestima feminina. Realmente é um momento mágico para nós.

Na verdade, aqui, longe do aconchego familiar, sozinha e com poucos laços afetivos construídos, faço muitas reflexões do ser mulher, imagino todo o caminho percorrido para chegar até aqui, pois hoje totalmente independente, mesmo conseguindo me equilibrar com um salário mínimo e tendo que pagar aluguel e outras despesas essenciais sozinha, eu percebo como é difícil se manter e estar aqui, no local da independência. Digo isso por ter passado por diversos tipos de violência em minha trajetória de vida, e uma das que mais me marcaram foi a violência doméstica, ver minha mãe apanhando constantemente do meu pai e não entender, pois passei a minha infância inteira me questionando “por que ela não deixa esse homem?”. E só hoje, uma adulta inserida na luta feminista e vivendo de perto a dor de outras mulheres, eu consigo essa resposta, mesmo sendo uma resposta não compreendida por mim, mas é a resposta que

temos, muitas mulheres vivem em casamentos falidos e vítimas de todo tipo de violência por dependência financeira e/ou afetiva dentre outras diversas situações. Afinal, o que você vai fazer na rua se deixar o marido levando 4 filhos e sem estabilidade financeira nenhuma ou sequer um teto para morar? Essa é a história da minha mãe, mas que se repete diariamente com outras mulheres aqui em Juarez Távora – PB e em todo o Brasil, com um filho, dois, três, cinco ou sem nenhum filho, essa é a nossa história!

Sim, essa é a realidade das nossas mulheres, é uma luta constante de afirmação, de que somos capazes, e diariamente é preciso sim este exercício de impor-se como mulher, pois assim foi construída a nossa trajetória da luta feminista, com muita luta e onde muitas companheiras foram perdidas no caminho. É essencial não desistir da luta, pois muitas mulheres ainda precisam de nós, umas das outras para construirmos uma sociedade mais justa e igualitária, na qual nós mulheres tenhamos nossos corpos e nossa mente respeitados, que nos seja dada a liberdade de escolher como, quando e com quem vamos dividir nossas vivências e experiências.

Assim companheiras, aqui nesta pequena cidade vou tentando levar a vida, e sempre que posso contribuo nos debates sobre a luta feminista e levo também um pouco de palavras acalentadoras para nossas mulheres em luta, e vamos tentando através do diálogo nos manter de pé, pois a dor de uma é a dor de todas, e se não temos muitas ferramentas nas mãos para mudar essas histórias a gente vai pelo menos ouvindo a dor da outra e segurando na sua mão vamos fazendo uma corrente, pois essa corrente nos mostra que juntas somos mais fortes na busca da nossa emancipação.

E por falar em emancipação, preciso dizer a vocês que não é fácil ser mulher na nossa sociedade, pois durante muito tempo nos foi roubado o direito de assumirmos posições de poder nesta e assim ficamos sem representatividade, e vocês sabem disso. Mas não podemos desistir da luta, e mesmo que a mudança seja lenta mas ela está ocorrendo e precisamos fortalecer a luta, encorajando outras mulheres através do diálogo vamos tecendo nossa rede e desconstruindo todo esse império machista que nos impede de ocupar nossos espaços na sociedade, afinal ser feminista não é querer ser melhor do que os homens e sim lutar por direitos sociais e econômicos iguais.

Assim encerro esta carta agradecendo ao Movimento Graal no Brasil (Graal), Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea), Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e o Coletivo Anas e outras, pela excelente oportunidade de aprendizado que vocês deram a mim e a estas mulheres incríveis de todo Brasil que se fizeram presente neste curso de

extensão! Grata! E que continuemos na luta firmes porque JUNTAS SOMOS MAIS FORTES!

Ass. Williana do Nascimento Menezes, 43 anos, assistente social efetiva da Prefeitura de Juarez Távora-PB, atualmente lotada no Conselho Tutelar.